



MÉDIA E INTEGRAÇÃO DE IMIGRANTES

INÊS BRANCO

Instituto Politécnico de Leiria (ESECS) e Universidade de Coimbra (Faculdade de Letras)

Este artigo tem por base a investigação de doutoramento “A importância dos média e da língua de acolhimento na integração de imigrantes. Estudos de caso: a comunidade nepalesa de Portugal e a comunidade portuguesa em Macau”, defendida em dezembro de 2015.

A pesquisa focou-se na comunidade imigrante portuguesa em Macau e na comunidade imigrante nepalesa em Portugal. Analisou os usos dos média – étnicos, *mainstream* e transnacionais – por imigrantes durante o processo de integração: na manutenção de laços com o país de origem e na adaptação à sociedade de acolhimento, em que a língua de acolhimento assume um papel crucial.

A investigação enquadra-se nos estudos de audiências e baseia-se na teoria dos Usos e Gratificações dos Média (Katz, Blumler, & Gurevitch, 1974). No que respeita à integração assenta no modelo de estratégias de aculturação de Berry & Sam (2001, 2006). Quanto à língua, assenta na teoria do poder e da prática de Bourdieu (1991), especificamente na parte relativa ao poder simbólico da língua.

Quanto à metodologia, foram realizadas oito entrevistas em profundidade na comunidade nepalesa e 29 entrevistas na comunidade portuguesa. A amostra foi de conveniência e teoricamente sustentada. A seguir às entrevistas, foi feita uma análise de conteúdo individual e transversal.

Para o presente livro, atendendo ao tema, vamos focar-nos apenas na parte relativa à importância dos média.

INTRODUÇÃO

A investigação teve como objetivo contribuir para o conhecimento do processo de integração de imigrantes. Pretendemos saber como é feita a (re)construção identitária coletiva e individual, os usos dos média e a importância da língua de acolhimento. Neste artigo, tecemos as nossas considerações sobre os resultados da investigação e comparamos as duas comunidades. A vantagem de realizar um estudo em dois contextos diferentes é conseguir perceber que pontos são comuns aos dois e que se podem generalizar, exatamente por anularem as conclusões específicas de um ou outro contexto (Elias & Lemish, 2006). A investigação, pelas opções metodológicas tomadas, não pretendeu ser representativa de cada uma das comunidades. A principal fonte de inspiração foram as linhas de estudos que conjugam as três áreas, com destaque para o trabalho de Elias & Lemish (2006, 2008, 2010 e 2011).

Os motivos que levaram à escolha das duas comunidades em foco têm em comum a proximidade da investigadora a cada uma delas. Relativamente à comunidade nepalesa, foi resultado do ensino de português a imigrantes nepaleses. Quanto à comunidade portuguesa, deveu-se à colaboração com o Departamento de Língua Portuguesa da Universidade de Macau, o que implicou uma estadia de três meses na região. Durante este período pudemos observar as transformações que a comunidade tem vindo a experimentar nos últimos anos, que refletem a conjuntura que se vive em Portugal e, em geral, na Europa. Os estudos realizados nas comunidades foram faseados e aconteceram em momentos diferentes.

COMUNIDADE NEPALESA DE PORTUGAL

Entre os grupos de imigrantes existentes em Portugal, os de origem asiática são os mais significativos entre os de pequena dimensão. Só na primeira década do século XXI começaram a ter expressão, tendo como traço comum, além da origem geográfica, um modo de inserção socioeconómica em que se destacam as microempresas familiares e as atividades por conta própria na área da restauração, do comércio e dos serviços. São populações recentes, que se concentram na região de Lisboa e Vale do Tejo, constituídas, na sua maioria, por adultos em idade ativa, ainda com poucas crianças e idosos, pelo que não é claro se seguirão a tendência de fixação definitiva das populações migrantes mais antigas (Pires, Machado, Peixoto, & Vaz, 2010, p. 60).

De acordo com o portal de estatísticas do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras¹, em 2006 (primeiro ano em que são disponibilizadas estatísticas), a comunidade nepalesa tinha apenas 285 membros. Em 2017, do total de 421 711 estrangeiros com autorização de residência, 7437 pessoas eram nepalesas. Esta comunidade tem vindo sempre a crescer, há mais de uma década, em Portugal.

Evolução da comunidade nepalesa em Portugal entre 2006 e 2017

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Nepal	285	302	560	685	797	1.145	1.702	2.588	3.544	4.798	5.835	7.437

Fonte: SEFSTAT, Portal de estatísticas do SEF

COMUNIDADE PORTUGUESA DE MACAU

Mais de quinhentos anos passaram sobre a chegada dos portugueses à China, em 1513. Macau era então uma península abrigada e ponto de paragem de navegadores.

A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) situa-se no sudeste da China, a oeste do delta do Rio das Pérolas, a 60 quilómetros de Hong Kong e a 145 quilómetros de Cantão, ou Guangzhou, capital da província com o mesmo nome, Cantão, ou em Cantonês Guangdong².

Com uma área de 11,6 quilómetros quadrados no século XIX, o território ocupa atualmente um total de 31,3 quilómetros quadrados, incluindo as ilhas da Taipa e de Coloane. Tal aumento deve-se a aterros feitos na orla marítima, que expandiram a área da península e ligaram a Taipa a Coloane. A norte, a península de Macau está ligada à China continental, fazendo fronteira com a cidade de Zhuhai, através das Portas do Cerco. A construção inicial, com a data de agosto de 1849 ainda existe, mas já tem por detrás o novo posto fronteiriço, construído em 2004³.

Em dezembro de 2015, a região de Macau tinha 646.800 habitantes e uma densidade demográfica de 21.100 habitantes por quilómetro quadrado. O movimento

¹ <https://sefstat.sef.pt/distritos.aspx> (consultado em 19 de setembro de 2018)

² Gabinete de Comunicação Social do Governo da RAEM, “Geografia e População” (<http://www.gcs.gov.mo/files/factsheet/geography.php?PageLang=P>, consultado em 2017.01.30)

³ Idem

de entradas na RAEM (visitantes) registou também um número impressionante, com um total de quase 31 milhões de turistas num ano⁴.

Em 1999 foi criada a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), que abrange a península de Macau e as ilhas da Taipa e de Coloane, administrada de acordo com o princípio “um país, dois sistemas”, consagrado na Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau⁵, uma espécie de constituição.

De acordo com os artigos 2.º e 5.º da Lei Básica, a China autoriza a RAEM a exercer um alto grau de autonomia e a gozar de poderes executivo, legislativo e judicial independentes, incluindo o de julgamento em última instância, mantendo-se inalterados durante cinquenta anos o sistema capitalista e a maneira de viver anteriormente existentes. Pelo mesmo período a língua portuguesa é língua oficial em simultâneo com o mandarim.

Evolução da população residente em Macau entre 1991 e 2017

	1991	1996	2001	2006	2010	2011	2015	2016	2017
População total	355.693	414.128	435.235	502.113	536.969	552.503	600.942	600.834	622.567
População nascida no estrangeiro	212.996	231.652	244.096	288.879	318.506	326.376	342.703	385.744	353.654
percentagem de População nascida no estrangeiro	60%	56%	56%	58%	59%	59%	57%	59%	56%
População nascida em Portugal	3.625	3.852	1.616	1.316	1.456	1.835	1.566	2.011	1.616
percentagem de População nascida em Portugal	1.02%	0.93%	0.37%	0.3%	0.3%	0.3%	0.3%	0.3%	0.3%
população Com nacionalidade portuguesa	101.245	112.706	8.793	8.593	—	5.020	—	9.024	—
percentagem de população Com nacionalidade portuguesa	28.46%	27.22%	2.02%	1.71%	—	0.91%	—	1,4%	—

Fonte: Observatório da emigração português.

⁴ Gabinete de Comunicação Social do Governo da RAEM, “Macau 2016- Livro do Ano”, p.8 (http://yearbook.gcs.gov.mo/uploads/yearbook_pdf/2016/myb2016pPA01CH25.pdf, consultado em 2017.30.01)

⁵ Governo da RAEM, Imprensa Oficial, “Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China” (<http://bo.io.gov.mo/bo/I/1999/leibasica/index.asp>, consultado em 2017.01.30)

Segundo os dados do Observatório da Emigração (OE) português⁶, em 2016, existiam em Macau 2.011 pessoas nascidas em Portugal. Com nacionalidade portuguesa, o que não implica terem migrado ou nascido em Portugal, existiam 9.024 pessoas.

O número de estrangeiros nascidos em Portugal, ou seja, de imigrantes portugueses, na perspetiva de Macau, teve uma queda entre 1996 e 2006. A partir de 2006 começou novamente a aumentar.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Integração enquanto estratégia de aculturação

Segundo Berry & Sam (2006, p.33) as atitudes e comportamentos (isto é, as preferências e as práticas reais) a que os indivíduos são expostos nos encontros interculturais quotidianos, definem as estratégias que adotarão na adaptação a uma sociedade. Raramente existe uma coincidência entre o que um indivíduo prefere e procura (atitudes) e o que é realmente capaz de fazer (comportamentos). Esta discrepância é estudada em psicologia social e normalmente é explicada como sendo o resultado de restrições sociais sobre os comportamentos (tais como normas, oportunidades, etc.). Não obstante, muitas vezes há uma correlação positiva entre as atitudes e os comportamentos de aculturação, ou de adaptação à nova sociedade, permitindo o uso de uma avaliação global das estratégias do indivíduo.

Tanto as mudanças comportamentais como o *stress* gerado pelo processo de aculturação são resultado, pelo menos até certo ponto, do que as pessoas tentam fazer durante a sua aculturação, e os resultados a mais longo prazo (ambas as adaptações psicológica e sociocultural) muitas vezes correspondem aos objetivos estratégicos definidos pelos grupos de que são membros (Berry & Sam, 2006, p. 34).

Berry (2001, 2006) faz uma divisão entre estratégias de *assimilação* e *integração* e entre *separação* e *marginalização*, enquanto modos diferentes nos quais a aculturação (tanto de grupos como de indivíduos) poderá ter lugar. Estas distinções envolvem duas dimensões enraizadas nas orientações mais para com o próprio grupo ou mais para com os outros grupos. A primeira implica uma relativa preferência para a continuidade cultural: manutenção da herança cultural e identidade; a segunda para o contacto: a preferência relativa para ter contacto e participar

⁶ <http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/paises.html?id=147> (consultado em 19 de setembro de 2018)

na sociedade em geral, juntamente com outros grupos. Berry (2006, p.35; 2001, p. 618) representa esta formulação para ambos os grupos culturais. As orientações variam ao longo das dimensões e são representadas por setas bipolares, ou seja, visões genericamente positivas e negativas sobre estes assuntos intersectam-se para definir quatro estratégias de relações interculturais.

A estratégia de *assimilação* define-se quando os indivíduos não desejam manter a sua identidade cultural e buscam a interação diária com a cultura de acolhimento.

Em contraste, a estratégia de *separação* surge quando os indivíduos dão valor a manterem-se fiéis à sua cultura originária e, ao mesmo tempo, evitam a interação com a sociedade mais ampla.

A estratégia de *integração* é a opção quando há um interesse tanto na manutenção da sua cultura original como nas interações diárias com outros grupos da sociedade de acolhimento. Neste caso, é mantido um certo grau de integridade cultural, enquanto ao mesmo tempo o indivíduo procura, como membro de um grupo cultural, participar como parte integrante da rede social mais abrangente. O grau de integração do indivíduo na sociedade é tanto maior quanto maior for o grau de participação na rede social mais lata da sociedade de acolhimento. Pelo contrário, é tanto menor quanto os indivíduos preferam manter um maior grau de integridade cultural, ou seja, de ligação à cultura de origem.

Finalmente, a estratégia de *marginalização* define-se quando há pouca possibilidade, ou interesse, na manutenção cultural (muitas vezes por razões de perdas culturais impostas), e pouco interesse em ter contactos com outros (muitas vezes por razões de exclusão ou discriminação).

Em resumo, na estratégia de *integração* ambas as identidades de origem e de destino se afirmam; na estratégia de *marginalização*, as pessoas não se sentem ligadas a nenhuma das duas culturas; e nas estratégias de *assimilação* e de *separação* uma cultura é fortemente enfatizada sobre a outra.

Os usos e gratificações dos média

A nossa investigação enquadra-se no âmbito dos estudos sobre média e audiências, que encaram os imigrantes como público ativo, com necessidades específicas, que resultam de um processo de realocização (Elias, 2011; Elias & Lemish, 2006, 2008, 2011; Burrell & Anderson, 2008). Assumimos que, enquanto audiências dos média, os imigrantes têm as suas motivações próprias e procuram a satisfação de necessidades específicas e que, conseqüentemente, estão envolvidos no

processo de efeitos produzidos por estes. Ao explorar a relação entre os média e a imigração nesta vertente, esta investigação adota a perspetiva da Teoria dos Usos e Gratificações dos Média (U&G).

Segundo Livingstone (1997), a teoria dos U&G (Katz, Blumler & Gurevitch, 1974), representa uma abordagem contextualizada aos efeitos dos média e, tal como formulada inicialmente, argumenta contra uma visão de uma sociedade de massas, composta por média homogêneos e audiências de espectadores indefesos. Pelo contrário, ao pôr a ênfase nas audiências ativas, nos contextos sociais do uso dos média e nas diferentes motivações para o uso de diferentes média e de diferentes conteúdos, esta teoria tem servido de base a estudos etnográficos sobre as audiências.

Enquadrando-se no seio de pesquisas sobre média e audiências, os estudos sobre usos e gratificações têm como ponto de partida as necessidades das audiências em vez dos textos ou mensagens dos média.

“O interesse dos *audience studies* já não reside tanto (...) em mostrar que diferentes grupos culturais fazem interpretações específicas de determinados textos, mas sim em captar os momentos e as lógicas em que, na interação com os *media*, as identidades do público se reforçam, transformam ou recompõem.”
(Carvalho, 2008, p. 60)

Relativamente ao contexto, os estudos sobre os usos e gratificações dos média atendem aos hábitos individuais e não só às estruturas social e cultural. Quanto aos efeitos dos média, assumem que resultam na satisfação ou gratificação das necessidades das audiências e não na mera aceitação de mensagens dos média destinadas a essas audiências. Nesta abordagem os média são vistos como plurais (com diferentes canais e diferentes géneros), as audiências também são vistas como plurais (indivíduos e grupos diversos) e os processos sociocognitivos da influência dos média estão em primeiro plano (satisfação de expectativas da audiência).

Nesta investigação analisamos as funções e usos de três tipos de média – étnicos, *mainstream*, transnacionais – na construção identitária dos imigrantes, que se faz na ligação ao país de origem, na integração no país de acolhimento e nas conexões ao resto do mundo.

Ao escolherem determinado meio ou determinado conteúdo mediático, que benefício procuram os imigrantes obter? Quais são as motivações para essas escolhas? Os contextos socioculturais pelos quais passaram e nos quais vivem, as trajetórias de vida e os seus hábitos individuais guiam essas escolhas?

Há que enfatizar que o modelo dos U&G não é uma metodologia. Segundo Ruggiero (2000) é aconselhável a utilização dos U&G em combinação com metodologias qualitativas, no sentido de se obter uma abordagem holística.

Abordagens a cada uma das comunidades em foco

O acesso a comunidades étnicas ou imigrantes nem sempre é fácil. Como tal, à escolha especificamente destas não foram alheios os contactos já previamente estabelecidos e a possibilidade de estabelecer pontes com elas.

A pesquisa feita junto da comunidade nepalesa foi de carácter exploratório e os seus resultados permitiram aperfeiçoar a segunda parte da investigação, feita na comunidade portuguesa, em 2013 (o trabalho de campo).

Aproveitando os contactos já previamente estabelecidos com a comunidade nepalesa de Lisboa, para a seleção dos entrevistados, foi utilizado o método “bola de neve”, tendo-se procurado indivíduos com diferentes perfis relativamente ao percurso migratório e em diferentes fases deste processo. Isto possibilitou fazer comparações quanto à utilização que pessoas, em estados mais avançados ou menos avançados de integração fazem dos média. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, o que deu a possibilidade de, seguindo o mesmo guião, se ter podido conduzir a conversa de forma diferente, consoante o entrevistado. A construção do guião baseou-se nos resultados de 17 inquéritos e numa entrevista em profundidade, realizados em dezembro de 2010.

Definição da amostra na comunidade nepalesa

Para a escolha dos entrevistados utilizaram-se como variáveis a idade, o sexo, e o tempo de estadia em Portugal. Os critérios para a definição destas variáveis basearam-se em: 1) *idade*: refletiu-se o facto de se tratar de uma comunidade jovem; 2) *sexo*: procurou-se algum equilíbrio, embora se tenham entrevistado mais homens do que mulheres, o que também reflete essa característica da comunidade; 3) *tempo de estadia em Portugal*: procuraram-se pessoas com diferentes tempos de permanência, pois considerámos que o grau de integração poderia variar consoante o imigrante estivesse há mais ou há menos tempo no país.

A juntar à entrevista anterior, entrevistaram-se mais quatro homens e três mulheres, entre os 25 e os 40 anos; em Portugal por um período que variou entre os três meses e os 11 anos, ou seja, no total realizaram-se oito entrevistas. Poste-

riormente à realização das entrevistas foi feita a transcrição de cada uma, tendo a análise sido conduzida como é usual neste tipo de estudos qualitativos (Elias & Lemish, 2008): as transcrições foram relidas e foram sendo feitas anotações de ideias e conceitos de acordo com o objetivo da pesquisa. Este processo de análise individual de cada entrevista e de análise transversal de todas levou à identificação dos temas centrais.

Comunidade portuguesa

Em Macau, quer através de amigos quer através dos professores da universidade, o acesso à comunidade portuguesa – e aqui abarcamos apenas os portugueses nascidos em Portugal e que migraram, e não o universo de pessoas com passaporte português, que é substancialmente maior – foi facilitado. Constatando essa acessibilidade, e sobretudo as alterações que estavam a acontecer na comunidade, que se relacionam com a chegada a Macau de muitos portugueses, optou-se por trabalhar também com este grupo.

Tendo por base a pesquisa feita junto da comunidade nepalesa, na abordagem à comunidade portuguesa residente em Macau começámos por definir o guião da entrevista. Tal como acontece nas entrevistas semiestruturadas, e é exatamente essa a vantagem deste método, a ordem das perguntas foi sendo alterada consoante o entrevistado; algumas não se colocaram porque não faria sentido perguntá-las ou porque foram entretanto respondidas no decurso da conversa; e o modo como se perguntou variou consoante os entrevistados.

Definição da amostra na comunidade portuguesa

Não se pretendeu criar uma amostra representativa, ou seja, não está em causa fazer uma generalização. Um dos problemas que se colocaria, logo à partida, caso se pretendesse fazer uma amostra representativa, seria que universo considerar. A opção por uma amostra de conveniência implica a seleção de entrevistados de acordo com um conjunto de características definidas pelo investigador. Estas características são aquelas que poderão fazer variar as respostas dos entrevistados. Procurámos contemplar, na construção da amostra, os critérios que julgámos poderem fazer variar o tipo de respostas. A partir daqui estabelecemos as combinações únicas possíveis de variáveis, de modo a apurar quantas entrevistas seria necessário realizar. Em primeiro lugar, foi necessário delimitar o que

se entende nesta pesquisa por *comunidade portuguesa*. Nesta amostra incluímos apenas os cidadãos nascidos em Portugal, ou eventualmente nalguma ex-colónia, com passaporte português, que tivessem vivido em Portugal e que tivessem de facto migrado para Macau. Pessoas nascidas em Macau, com passaporte português não foram consideradas. A única exceção, por considerarmos que o seu percurso poderia ser interessante para uma comparação com o resto da comunidade, foi a entrevista a um indivíduo, que nasceu em Macau, filho de mãe chinesa e de pai português. O pai nasceu em Portugal e emigrou para Macau, tendo regressado a Portugal em 1999, com toda a família. O filho, nosso entrevistado, acabaria por regressar a Macau, em 2013.

Relativamente à divisão por *sexo*, uma vez que o estudo não pretende ser representativo do universo e, mesmo que o pretendesse, não existem dados concretos sobre o seu número, optámos por dividir a amostra em 50 por cento homens e 50 por cento mulheres.

Quanto à idade, focámo-nos em indivíduos adultos e decidimos não alargar demasiado as faixas, optando por dividir os entrevistados por décadas: inferior a 30 anos, entre 30 e 40 anos, 40 a 50 anos e superior a 50 anos.

Por fim, a última variável foi a *data de chegada a Macau*. Inicialmente, a divisão foi feita apenas entre os indivíduos que tinham chegado a Macau antes de 1999 e os que tinham chegado depois. Após os primeiros contactos, percebemos que existiam muitas pessoas que já tinha vivido em Macau e que decidiram regressar, o que nos fez incluir mais esta opção. Acabámos por fazer a divisão em: “chegada antes de 1999”, “chegada depois de 1999” e “foi e voltou”.

Em resumo, as variáveis são: *sexo* (duas opções), *idade* (quatro opções), *data de chegada* (três opções). Chegamos, desta forma, às 24 combinações diferentes possíveis. Para angariação dos entrevistados foi utilizado o método “bola de neve”, em que através de um contacto se conseguiram outros. Embora tenhamos construído uma amostra teoricamente sustentada, com perfis únicos, com a utilização do método “bola de neve” corremos o risco de os entrevistados poderem possuir histórias algo semelhantes, o que é agravado pelo facto de a comunidade ser pequena e de os grupos, ou redes de contacto dentro dela, se intersectarem.

No total realizaram-se 29 entrevistas, o que significa que para alguns dos perfis se fez mais do que uma. Isto deveu-se a que, no começo, a amostra ainda não estava corretamente definida, pois era necessário começar a realizar as entrevistas e a ter um maior contacto com a comunidade para se perceber melhor quais os critérios para a definição das variáveis e afinar a amostra. Ao utilizarmos o método “bola de neve”, não desperdiçámos oportunidades para entrevistas e considerámos todas as 29 na análise de resultados.

As entrevistas foram realizadas em maio e junho de 2013. Foram gravadas em suporte áudio e tiveram a duração média de 49 minutos.

CONCLUSÕES – OS USOS DOS MÉDIA NA INTEGRAÇÃO DE IMIGRANTES

As audiências constituídas por imigrantes dividem a sua atenção entre os média étnicos, *mainstream* e transnacionais. Dependem dos meios de comunicação transnacionais para partilha do seu sentido de identidade, mas os contextos locais e nacionais onde vivem, em que atuam média étnicos e *mainstream*, são igualmente importantes para a construção identitária destas comunidades (Georgiou, 2005).

Média étnicos e *mainstream*

Estes média são encarados como diferentes na sua essência. Os média étnicos são interpretados pela ideologia dominante (e assimilacionista) como potencialmente perpetuadores de diferenças identitárias enquanto os média da maioria ou *mainstream* são encarados como “integradores” (Carvalho, 2008).

As duas comunidades que estudámos têm em comum o facto de serem originárias de culturas muito distantes da cultura de acolhimento e de serem pequenas relativamente ao universo da sociedade de acolhimento. De diferente têm o nível de desenvolvimento do país de origem, as qualificações dos membros da comunidade e a relação de cada comunidade com a região de acolhimento. A comunidade portuguesa está em Macau há cerca de 500 anos e administrou o território até recentemente; a comunidade nepalesa está em Portugal há cerca de 20 anos e não tinha qualquer relação anterior com o país.

Quanto aos *usos dos média*, o tipo de média usado tem menos impacto na integração do que a posse de capital linguístico e de capital de conhecimento. Nestes dois contextos, a ideia de que os média étnicos são perpetuadores de diferenças identitárias e de que os média *mainstream* são integradores não se verificou.

As razões que explicam esta conclusão devem-se, em primeiro lugar, ao facto de que as respetivas sociedades de acolhimento adotam uma estratégia pluricultural e não assimilacionista; em segundo lugar, porque o uso dos média está condicionado pelo conhecimento das línguas de acolhimento.

No caso da comunidade nepalesa verificamos que os média étnicos usados são os sites nepaleses produzidos em Portugal. A forma como esse uso é feito vai no sentido de obter informação sobre o país de origem, mas sobretudo para obter informação na língua de origem sobre a sociedade de acolhimento, o que revela um sentido de integração e não de separação ou fechamento. No caso da comunidade portuguesa acontece o mesmo. Os média étnicos usados são os jornais e revistas em português ou produzidas por portugueses, o canal Português da TDM, e a rádio Macau. O seu uso vai no sentido da obtenção de informação, na língua de origem ou em inglês, não só relativa à comunidade, mas também informação mainstream, ou seja, do que acontece na sociedade de Macau como um todo.

Quanto ao uso dos média *mainstream*, verificamos que, na comunidade nepalesa, os média *mainstream* usados são principalmente os canais televisivos de sinal aberto e os jornais diários de distribuição nacional. A forma como os usam está condicionada pelo conhecimento que os imigrantes já possuem de Português. Os que ainda não possuem conhecimentos razoáveis da língua visualizam, por exemplo, concursos televisivos e observam a forma de vestir e o comportamento dos concorrentes. Os que possuem mais conhecimento da língua, além de concursos, veem também telenovelas, em que além de gestos, forma de vestir e outros hábitos culturais, procuram aprimorar o conhecimento da língua. Além disto, procuram informação noticiosa sobre Portugal, o que sugere um interesse pela cultura de acolhimento.

Na comunidade portuguesa em Macau, o uso dos média *mainstream* também é condicionado pelas línguas de acolhimento. O desconhecimento das línguas chinesas faz com que não usem média em Cantonês e Mandarim, escolhendo os média em Inglês. Nestes procuram sobretudo informação sobre a região de acolhimento, em que se inclui não apenas Macau, mas também Hong Kong, o resto da China e outros países asiáticos.

Nas duas comunidades, ambos os meios, étnicos e *mainstream*, indicam, assim, a adoção de uma estratégia de integração.

Média transnacionais

Os estudos sobre os média transnacionais evidenciam o seu papel na manutenção dos laços entre as comunidades imigrantes e os respetivos países de origem (Elias & Lemish, 2006, 2008) e a relevância das TIC, em especial da Internet, na concretização de aspirações migratórias, ao ser utilizada para explorar o mundo,

procurar oportunidades, informações, contactos e novas ideias (Burrell & Anderson, 2008).

Na nossa investigação verificamos que, em ambas as comunidades, os média transnacionais, aqui incluindo os média nacionais acessíveis pela Internet, são utilizados na manutenção de laços com o país de origem. Na comunidade nepalesa, os média utilizados são sobretudo as cadeias televisivas transnacionais, como a BBC e a CNN, onde procuram informação sobre o Nepal. A BBC tem um canal só com informação sobre este país. A forma de acesso é através dos respectivos sites de Internet. *Estes mesmos meios são utilizados para obterem informação sobre o resto do mundo.*

Na comunidade portuguesa, os mass media (com conteúdos de muitos para muitos) também são usados quer para obter informação sobre o país de origem, e neste caso o principal é a RTP Internacional – quer para obter informação sobre o resto do mundo, em que os meios referidos são os apontados pela comunidade nepalesa. A diferença é que na comunidade portuguesa o acesso é feito sobretudo através de televisão por cabo e TDT.

Alguns membros desta comunidade além de média transnacionais ocidentais utilizam também os asiáticos, como alternativa à agenda mediática ocidental. As cadeias Al Jazeera e a Russian Television e os jornais China Daily do governo chinês e os média de Hong Kong são exemplos. Mais do que notícias sobre o que se passa especificamente nas regiões de onde são transmitidos, procuram informação alternativa a acontecimentos de interesse internacional, que são também transmitidos em meios ocidentais. Fazem-no conscientemente, tendo a noção que a verdade dos factos, se se quiser alcançá-la, está algures no equilíbrio entre os dois, porque os meios asiáticos também eles têm os seus próprios interesses e seguem as suas próprias agendas influenciadas pelos respetivos governos.

Quanto aos novos média transnacionais, com formato de um para um ou de muitos para muitos, são utilizados para contactar familiares e amigos, quer estejam no país de origem quer estejam noutra país. A presença de conhecidos em outros países, a busca de notícias sobre outros países, e a procura de oportunidades de emprego no resto do mundo, através das redes sociais como Facebook e LinkedIn, fazem com que as experiências de transnacionalismo ultrapassem as barreiras do país de origem e do país de destino. Esta constatação vai ao encontro da trajetória referida por Burrell & Anderson no seu estudo de 2008, que salientava o facto de o uso das TIC pelos imigrantes em foco não se integrar no quadro conceptual definido pelo transnacionalismo, o qual é estruturado com base na premissa de que o horizonte social dos imigrantes se limita ao país de origem e ao país de acolhimento. No nosso estudo de 2013, verificámos que as plataformas

móveis utilizadas – que não são referidas pelos autores, pois em 2008 a principal era o computador pessoal (PC) – são muito mais variadas. Além do computador são mencionados os *tablets* e os *smartphones* e a *diversidade de aplicações um para um é também muito maior*.

Pontos em comum

Percursos migratórios

- Motivação para migrar: desejo de melhoria de vida e possibilidades de futuro. Não basta no curto prazo ter boas perspectivas, poder permanecer no destino é algo importante.
- Os destinos tradicionais de emigração estão a mudar. Para os nepaleses estão a mudar do sul e sudeste da Ásia para o médio oriente e Europa. No caso dos portugueses, o Reino Unido passou a ser um dos destinos preferidos.
- A ideia de regresso aos países de origem é pouco definida. Está diretamente ligada a dois fatores: perspectivas pessoais e profissionais na região de acolhimento e grau de integração.

Integração e (re)construção identitária

- Desejo de manter um certo grau de integridade cultural e simultaneamente participar na rede social mais abrangente – adotam uma estratégia de integração.

Usos dos média

- Os média étnicos são usados para obter informação sobre o país de origem e para obter informação na língua de origem sobre a sociedade de acolhimento.
 - Os média étnicos adotam o papel de mediadores entre a informação mainstream e as comunidades imigrantes.
 - O uso dos média mainstream é condicionado pelo conhecimento das línguas de acolhimento e visa a obtenção de informação sobre a região de acolhimento.
 - Ambos os meios, étnicos e mainstream, indicam a adoção de uma estratégia de integração.
 - Os média transnacionais são usados para obter informação sobre o país de origem e sobre o resto do mundo. Destacam-se as grandes cadeias televisivas transnacionais.
 - Os média transnacionais com formato um para um ou muitos para muitos são também usados pelas duas comunidades para contactarem com familiares e amigos.
 - O uso da Internet eleva as experiências de transnacionalismo, transcendendo os limites do país de origem e do país de destino.
 - O uso dos média na aprendizagem de línguas com raízes muito diferentes das da língua materna revelou-se pouco eficaz quando o conhecimento da língua ainda é muito parco. As aplicações para *smartphones*, como por exemplo dicionários e outras para autoestudo, são úteis nestes casos.
-

REFERÊNCIAS

- Berry, J. W. (2001). A Psychology of Immigration. *Journal of Social Issues*, 57, pp. 615-631.
- Berry, J. W., & Sam, D. (2006). Contexts of acculturation. In S. & Berry, *Theories, Concepts and Methods* (pp. 27-42).
- Bourdieu, P. (1991). *Language & symbolic power*. (J. Thompson, Ed.) Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Burrell, J., & Anderson, K. (2008, Março). 'I have great desires to look beyond my world': trajectories of information and communication technology use among Ghanaians living abroad. *New Media & Society*, pp. 203-224.
- Carvalho, J. R. (2008). *Do Bidonville ao Arrastão: Média, Minorias e Etnicização*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

- Elias, N. (2011, January). Between Russianness, Jewishness, and Israeliness: Identity Patterns and Media Uses of the FSU Immigrants in Israel. *Journal of Jewish Identities*.
- Elias, N., & Lemish, D. (2006). Between three cultures: media in the lives of immigrant children in Israel and Germany. *Paper submetido na Instructional and Development Division da conferência anual da International Communication Association*. Dresden.
- Elias, N., & Lemish, D. (2008). Media uses in immigrant families: torn between “inward” and “outward” paths of integration. *International Communication Gazette*, 70, pp. 23-42.
- Elias, N., & Lemish, D. (2008). Media uses in immigrant families: torn between “inward” and “outward” paths of integration. *International Communication Gazette*, 70, pp. 23-42.
- Elias, N., & Lemish, D. (2010). Media, migration experience and adolescence. *Television*.
- Elias, N., & Lemish, D. (2011, March 14). Between three worlds: host, homeland and global media in the lives of russian immigrant families in Israel and Germany. *Journal of Family Issues*.
- Georgiou, M. (2005). Diasporic Media Across Europe: Multicultural Societies and the Universalism – Particularism Continuum. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, pp. 481-498.
- Katz, E., Blumler, J. G., & Gurevitch, M. (1974). Uses and Gratifications Research. *The Public Opinion Quarterly*, 37, pp. 509-523.
- Livingstone, S. (1997). The work of Elihu Katz: conceptualizing media effects in context. *International media research: a critical survey*, pp. 18-47.
- Pires, R. P., Machado, F. L., Peixoto, J., & Vaz, M. J. (2010). *Portugal: Atlas das Migrações Mundiais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República e Edições tinta-da-china, Lda.